

Varição linguística na Terra Quente: a importância das variáveis externas

Joana Aguiar

CEHUM- Universidade do Minho, CLUL

ijoana.aguiar@gmail.com

Abstract

In this article we analyse five phonologic processes: (i) the occurrence of the voiceless affricate; (ii) the semivocalization of the lateral in pronouns and determiners; (iii) the centralization of front [-high] vowels; (iv) the specification of /S/ in syllable final position before [-consonantic] segments; and (v) the external sandhi involving the realization of the nasal.

To carry on this study according to a sociolinguistics approach, we collected informal conversations of 100 speakers, natives of Terra Quente Transmontana, a northeastern region of Portugal, stratified according to education (literate/illiterate), gender (female/male) and age intervals ([20-35],[36-50],[51-65],[>65]). The methodology applied in the collecting process and in the data analysis follows the Labovian variacionist approach (Labov, 1966, 1972).

The results show that the external variables age, education and place of origin play a key role in the maintainance and variation of these processes in this region, whereas the influence of the variable sex, when analysed alone, was not significant.

Keywords: phonological processes, variation, external variables.

1. Introdução

Nas últimas décadas, a Linguística Variacionista trouxe novas questões aos estudos linguísticos, ao incluir a análise de variáveis externas ou sociais na explicação de processos de variação e mudança linguística. No campo da variação fonético-fonológica, apesar de terem já sido elaborados inúmeros estudos variacionistas para o Português do Brasil, os trabalhos para o Português Europeu encontram-se, ainda, muito circunscrito às zonas urbanas (Barros, 1994; Mascarenhas, 1996; Rodrigues, 2003) ou a comunidades rurais próximas de pólos urbanos (Cardoso, 1999 e Santos, 2003). Com este trabalho analisamos alguns processos fonológicos a partir de um *corpus* oral estratificado, constituído para o efeito, recolhido na Terra Quente Transmontana, doravante TQT, uma área geográfica do nordeste do país, marcadamente rural.

2. Objectivos

O presente trabalho tem como objectivos: (i) contribuir para a descrição de alguns processos fonológicos, tendo como objecto de estudo a produção oral de 100 falantes da região da Terra Quente Transmontana (doravante TQT); (ii) observar a sua distribuição por grupos de falantes à luz da metodologia variacionista laboviana; e (iii) verificar a importância das variáveis externas na manutenção e variação dos seguintes processos fonológicos: (i) a manutenção da africada surda, (ii) a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, (iii) a centralização das vogais [-rec, -altas]; (iv) a realização de /S/ em contexto final de palavra seguido de segmento [-consonântico] como [z]; e (v) o processo de sândi externo envolvendo a realização de nasal.

3. Os processos em análise

3.1. Manutenção da africada surda [ʃτΣ]

A oposição existente no Português Antigo entre /τΣ/ e /Σ/ deixou de se verificar na grafia a partir do século XIII no sul do país (Vasconcellos, 1901b [1970]; Boléo, 1974; Pinto, 1980/1981; Maia, 1986; Castro, 1991; Martins e Saramago, 1993; entre outros), e na oralidade na “norma culta” no século XIX (Pinto, 1980/1981), podendo, ainda hoje, ocorrer no Português oral do norte do país, mais concretamente na TQT, e no Mirandês (Martins, 2005). Segundo os trabalhos dialectológicos e filológicos já mencionados, a realização da africada surda ocorreria no discurso oral, até meados do século XVIII¹, em palavras grafadas com <ch>², derivadas dos grupos consonânticos latinos CL-, PL-, FL- em início de palavra. Estes grupos evoluíram igualmente para africada em posição interior de palavra (Prista, 1994).

De acordo com Pinto (1980/1981), que apoiou os seus estudos no Inquérito Linguístico Boléo (1975) e realizou inquéritos em diversos concelhos de Trás-os-Montes, nomeadamente nos concelhos de Macedo de Cavaleiros, Mirandela, Alfândega da Fé e Carrazeda de Ansiães, a manutenção da africada era visível em redutos lexicais, como *chuva*, *chocar*, *chave* e *chaminé*, itens lexicais que serviram de base ao inquérito, principalmente na zona à volta e acima do Mondego.

3.2. A semivocalização da lateral

A semivocalização e recuo da lateral /l/ em coda em vocábulos latinos (como em ALTERO>outro) remontará ao século X ou XI, como referem Vasconcellos (1901b[1970]), Piel (1932) e Maia (1986). Actualmente, não existem casos de semivocalização da lateral em coda no Português Europeu, excepto em algumas zonas do Alto Minho (Cintra 1983 [1995]:132), ao contrário do verificado para o Português do Brasil, onde este fenómeno é comum (Oliveira 1983; Hora 2006).

No nosso *corpus*, a semivocalização da lateral apenas ocorre em posição intervocálica, quando o pronome/determinante é masculino plural, i.e. *eles>eis*, *aqueles>aqueis*, *deles>deis*, *naqueles>nasqueis*. Veja-se que a vocalização da lateral não é feita com a glide posterior como no galego-português (Maia 1986:497) e no Português do Brasil, mas com a anterior.

Segundo Maia (1986) e Martins (2005), *el* era a forma arcaica do pronome *ele*, o que coloca a lateral numa posição de coda, passível de semivocalizar. A forma *el* e *él* mantém-se ainda no mirandês e castelhano, respectivamente, a partir da qual se formaram as formas de terceira pessoa do plural: “*eles*, *eis* (português antigo e dialectal), *elas* formaram-se analogicamente a partir das formas do singular *ele*, *el*, *ela* mediante a admissão do morfema –s, marca de plural” (Castro 1991:214). Assim, nestes pronomes e determinantes o que ocorre é a assimilação, por parte da lateral, do traço de recuo da fricativa, semivocalizando. A semivogal, por sua vez, forma um ditongo com a vogal precedente, como acontece em *papel>papéis* ou *pincel>pincéis*. Em formas como *eles* ou *aqueles*, o contexto é propício à realização da semi-vogal; em *elas* ou *aquelas* há uma vogal entre a lateral e o morfema de género que impede a semivocalização da lateral. À predisposição contextual para a semivocalização da lateral

¹ De acordo com Castro (1991:31), “Durante toda a Idade Média, e no período clássico, até ao século XVIII, existiu uma perfeita distinção no português entre as pronúncias de palavras com /τΣ/, que soava como africada, e palavras com /Σ/, de realização fricativa. Foi também no português do sul do país que se desenvolveu a inovação que consistiu no desaparecimento da africada e na pronúncia de /Σ/como/τΣ/. Esta inovação relativamente tardia só é registada, no português padrão de Lisboa, em meados do século XVIII.”

² Segundo Maia (1986:469), a africada surda poderia ter sido igualmente grafada como <x> em textos galegos e lioneses.

verificada em palavras como *eles* ou *aqueles*, acrescenta-se a elevada frequência das formas pronominais e determinantes, sujeitas, por isso, a redução (Vigário, 2003).

Concluindo, o fenómeno de semivocalização aqui descrito resulta da conjugação de aspectos fonológicos e morfológicos aplicados a itens lexicais de alta frequência (*eles*, *aqueles*, *deles* e *naqueles*), uma vez que a lateral apenas semivocaliza em contacto com o morfema de número quando o lugar para o marcador de género não é preenchido.

3.3. A centralização das vogais [-rec, -alt]

A centralização das vogais [e] e [E] em, por exemplo, t[e]lha > t[6]lha, é um fenómeno comum no Português, por vezes atribuído à *linguagem popular* (Cruz 1991: 22). Os trabalhos de Vasconcellos (1985) e Boléo (1974) descrevem este fenómeno para algumas zonas de Trás-os-Montes e Beira Alta. Assim, a centralização da vogal nasal [ɲ] (tempo > t[ã]po) foi documentada por Vasconcellos (1985:78) em Carrazeda de Ansiães e na freguesia de Tralhariz (Carrazeda de Ansiães), quer em sílaba tónica, quer em sílaba átona. Vasconcellos refere, também, que o mesmo fenómeno ocorre em outras zonas do Douro, como Favaios (Alijó). Este fenómeno foi também documentado em Chaves. Em Boléo (1974: 120) é dito que em Ervedosa do Douro (S. João da Pesqueira) o [ɲ] átono é pronunciado como [] e o [ɲ] tónico centraliza, i.e., pronuncia-se como [ã]. Não podemos, no entanto, generalizar este fenómeno, uma vez que não possuímos dados actuais que nos permitam saber se ainda se verifica a centralização nestes locais, em que contextos linguísticos ocorrem ou que falantes a produzem.

De acordo com Mateus (1975 [1982]:34-35), a centralização afecta vogais médias [-recuadas] seguidas de segmentos palatais, quer sejam (i) em sílaba (não) acentuada seguidas de glide palatal ou (ii) em sílaba acentuada seguidas de outro segmento palatal. Para Andrade (1994), a centralização de /e/ pode ocorrer em sílaba acentuada (i) quando seguida de glide palatal ou (ii) de consoante palatal. A possível centralização de /E/ não é considerada. Já Vigário (2003) propõe a separação do fenómeno de centralização em dois: (i) a centralização tautossilábica, que ocorre quando o segmento /e/ partilha a mesma sílaba com uma glide palatal, em sílaba (não) acentuada e (ii) a centralização heterossilábica, que ocorre quando a /e/ é seguido por um qualquer segmento palatal desde que heterossilábico, i.e., desde que não pertença à mesma sílaba.

Os dados da recolha de *corpus* por nós realizada mostram o fenómeno de centralização observado na TQT em, por exemplo, *movimento* > *movimanto*, é um fenómeno distinto da centralização por influência de um segmento palatal. Veja-se que na TQT a palavra *telha* é pronunciada como t[e]lha (e.g. *era um depósito de material tijolos cimento telha*), não se tendo verificado a inserção da semi-vogal. Para além disso, este fenómeno ocorre apenas quando o traço [+ nasal] está presente ou na vogal que centraliza, ou na consoante seguinte.

3.4. A realização de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico]

É sabido que em posição final de sílaba as consoantes fricativas [+ coronais] ([s],[ʃ],[ɰ],[ç]), se neutralizam, especificando-se de acordo com a qualidade do segmento seguinte, ao contrário do que acontece noutras posições, em que contrastam. Assim, de acordo com o descrito para o Português Europeu *standard* quanto à realização das fricativas finais (Mateus e Andrade, 2000; Mateus *et al.*, 2005; entre outros), considera-se que o segmento fricativo se realiza como: (i) [Σ] quando seguido de consoante surda ou pausa; (ii) [Z] quando seguido de consoante sonora; (iii) [z]

quando seguido de segmento [-consonântico]. No entanto, tanto quanto sabemos, em determinadas zonas do país, nomeadamente na TQT, a fricativa seguida de segmento [-consonântico] não tem realização como [+anterior, +vozeada], mas como [-anterior, +vozeada], i.e., num sintagma fonológico como, por exemplo, *aqueles horários*, a realização da fricativa não será *aquele[ç]horários*, mas *aquele[Z]horários*. Assim, nesta zona, a especificação da fricativa parece não depender do traço [±consonântico], mas apenas do traço [±vozeado]. Por outro lado, a especificação da fricativa parece ocorrer apenas dentro da classe fonológica das fricativas com o traço [-ant], sendo a especificação da fricativa, na TQT, mais económica do que nas restantes variedades do Português Europeu, onde ao grupo das [-anteriores] se acrescenta a especificação de /S/ como [+anterior] quando seguida de segmento [-consonântico].

3.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal final

No Português Europeu as realizações associadas à sequência verbo + pronome acusativo são consideradas casos de idiossincrasia fonológica (Vigário 1999:228-230 ; 2003:129-131, 144-147), uma vez que o pronome em ênclise assume diferentes formas lexicais, de acordo com a qualidade fonológica do segmento final do verbo. Assim, nos casos em que o verbo termina em vogal, o clítico pronominal (o/a/os/as) não sofre alterações. Se o verbo terminar em consoante, o clítico pronominal assume a forma alomórfica *-lo, -la, -los, -las*, e a consoante final é elidida, como no seguinte exemplo retirado do *corpus* TQT por nós recolhido: *comíamos a merendinha* > *comiamo-la no campo*. Se o verbo precedente terminar em ditongo nasal, o clítico pronominal realiza-se como *-no/-na/-nos/-nas*, como em *agora botaram o castelo abaixo* > *botaram-no abaixo* (*corpus* TQT).

O fenómeno de sândi externo envolvendo a nasal final, que aqui abordamos, descrito como sendo um fenómeno de fonética sintáctica comum no galego-português e no leonês (Maia, 1986:671-672), apesar de apresentar semelhanças lexicais com a realização alomórfica do pronome quando precedido de verbo terminado em segmento nasal, afasta-se desta descrição por não ocorrer entre verbo e clítico pronominal em ênclise, mas entre um item lexical (que poderá ser verbo, advérbio, pronome ou preposição) e o clítico (podendo este ser um pronome ou um artigo), como atestam os seguintes exemplos do *corpus* TQT: *a correrem no cão; que lhe chamam no trobisco; alegria quem na tiber*.

Relativamente à relação entre clíticos e os seus hospedeiros e ao processo de sândi em análise, sabendo que (i) os pronomes clíticos em ênclise se distinguem dos artigos por partilharem “propriedades fonológicas idiossincráticas” com os hospedeiros verbais, nomeadamente a actualização fonológica de acordo com as terminações do hospedeiro, fenómeno que não ocorre com os artigos (Brito *et al.*, 2003: 826-867); (ii) os artigos se ligam à palavra que os segue (*ibid.*), (iii) os clíticos pronominais precisam sempre de um hospedeiro verbal, e (iv) apenas os clíticos pronominais pós-verbais podem ser considerados enclíticos (Vigário, 2003), consideramos que o fenómeno de sândi ocorre em clíticos que, apesar de estabelecerem uma relação de adjunção com o hospedeiro à direita, sendo, por isso, proclíticos, são afectados, na maioria dos casos, pelo segmento [+nasal] presente em coda do item lexical precedente, ressilabificando, assim, com o item lexical precedente, como confirmam os seguintes exemplos: *eram nos filhos; pagam nas casinhas deles; já se sabia assim nos partidos todos; foram nas feiteiras; fazerem nos manejos* (*corpus* TQT).

Assim, para a realização do fenómeno de sândi nasal poderá concorrer: (i) a presença do traço [+nasal] em coda final do item lexical que precede o clítico e (ii) a categoria gramatical do item precedente e do clítico.

4. Metodologia

De forma a analisar a produção dos processos fonológicos já descritos, procedeu-se à gravação de conversas espontâneas de 100 falantes da Terra Quente Transmontana, equitativamente divididos por localização geográfica, escolaridade, idade e sexo dos falantes.

4.1. Área geográfica em análise

Situada na *Área Primitiva do Galego-Português* (Teyssier 1990:7), a região da Terra Quente Transmontana ocupa parte do Nordeste Transmontano, sendo constituída por cinco concelhos: Alfândega da Fé, Carrazeda de Ansiães, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vila Flor (cf. Mapa 1). Esta região é delimitada a Nordeste e a Este pela área de difusão do Mirandês e a sul pelo rio Douro, áreas linguísticas e geográficas que, como veremos, influenciam a manutenção de determinadas formas fonético-fonológicas e lexicais.



Mapa 1.- Terra Quente Transmontana³

4.2. A recolha de *corpus*

A recolha linguística foi feita entre Fevereiro de 2007 e Janeiro de 2008, em contexto natural, não insonorizado ou tratado, tendo sido acrescentadas quinze gravações realizadas nos concelhos de Vila Flor e Carrazeda de Ansiães cedidas por uma rádio local (Rádio Ansiães-98.1FM). Estas gravações foram realizadas para um programa de rádio, *Vozes da Terra* e, tal como as restantes gravações, não têm uma estrutura rígida, promovendo a fala espontânea, abarcando temas como o dia-a-dia do falante, contos e lendas, estórias ou anedotas, recordações e relatos.

Para a recolha do *corpus* TQT foi utilizado um gravador Olympus – Digital Voice Recorder VN-240PC. Cada recolha tem uma duração variável, sendo apenas utilizado para análise quatro a cinco minutos por falante. No total, foram por nós realizadas 104 entrevistas, num total de 14 horas e 34 minutos, das quais se aproveitaram 85

³ Imagem retirada de http://www.terraquentedigital.espigueiro.pt/caracterizacao_tqt/janela_mapa.html (Junho 2007)

entrevistas, num total de 11 horas e 59 minutos. Como já referimos, a estas acrescentámos quinze entrevistas disponibilizadas pela Rádio Ansiães, num total de 1 hora e 06 minutos.

Ao contrário da metodologia adoptada por Santos (2003) e Cardoso (1999), que partia de um conjunto pré-estabelecido de segmentos cuja produção seria analisada após testes de produção realizados por diferentes falantes, optámos por privilegiar a recolha de fala espontânea, registo mais permeável a mecanismos de supressão, adição ou transformação de estruturas fonológicas. Assim, não delineámos nenhum modelo de entrevista rígido, adaptando a condução da conversa a cada informante que, na maioria das vezes, era conhecido ou tinha sido indicado por um conhecido nosso, de forma a potenciar a ocorrência de fenómenos normalmente realizados pelos falantes, por um lado, e evitar uma produção forçada próxima da norma, por outro. Os temas das conversas variam de acordo com a idade do falante e da predisposição deste, sendo comum a temática das lendas ou contos, a lida no campo, a actividade profissional, o passado e a escola. Em nenhum caso se recolheu a fala de falantes a trabalhar ou a estudar fora da região de Trás-os-Montes, nem a residir fora dos concelhos em análise. Todos os falantes com menos de 65 anos são profissionalmente activos.

Considerando que esta região assiste, desde há décadas, a movimentos (e)migratórios constantes, as maiores dificuldades na recolha linguística revelaram-se ao nível da selecção dos falantes, principalmente do sexo masculino, já que não foram considerados informantes que tenham (e)migrado por um período superior a doze meses nos últimos trinta anos.

As transcrições do *corpus* TQT serão posteriormente integradas nos *corpora* disponibilizados pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

4.3. Variáveis Externas

Neste trabalho considerámos apenas as variáveis: origem geográfica (identificada por concelho), grau de instrução (alfabetizado/não alfabetizado), sexo e intervalo etário ([20-35],[36-50],[51-65],[>65]).

4.3.1. Origem Geográfica

Entende-se por origem geográfica não só a origem administrativa do falante, mas todos os aspectos demográficos, sociais, geográficos e económicos que caracterizam a área em estudo, seja ela uma freguesia, um concelho ou outra área administrativa. A propósito da importância dos aspectos demográficos e económicos na mudança linguística veja-se Trudgill (1974) e Britain (2005).

No que diz respeito à área da Terra Quente Transmontana, é visível o peso demográfico da população residente nas cidades (Macedo e Mirandela), áreas dotadas de mais serviços e indústrias, acessos rodoviários e cultura. Note-se que a maioria dos habitantes dos concelhos da TQT está ligada ao sector primário. Por esta razão, o trabalho no campo e as culturas são tema recorrente nas recolhas linguísticas realizadas. O sector secundário emprega apenas uma minoria dos habitantes da TQT, centrando-se principalmente nos concelhos de Mirandela e Macedo. No caso do sector terciário, os serviços, é notória a importância destes no desenvolvimento concelhio, apesar de estar maioritariamente centrado nas sedes de concelho.

4.3.2. Escolaridade

O nível de alfabetização dos informantes oscila entre a 4ª classe e o 12º ano, tendo sido excluídos os falantes com licenciatura finalizada. Apenas cinco informantes se encontram a frequentar o Ensino Superior. Nestes casos, os falantes frequentam o

Instituto Politécnico de Bragança e não residem fora dos concelhos em análise. No caso dos falantes não alfabetizados, todos têm mais de 65 anos.

4.3.3. Sexo

A variável sexo tem sido largamente analisada em trabalhos variacionistas, nomeadamente Labov (1972, 1990), Trudgill (1972, 1974, 1983, entre outros) Maclagan *et al.* (1999), Cheshire (2002) e Milroy (1999), entre outros, e não haverá, provavelmente, abordagem variacionista sem a inclusão da variável sexo/género⁴. O primeiro registo de diferenças entre sexos na utilização da linguagem, nomeadamente na utilização de diferentes itens lexicais para o mesmo referente, remonta à época das descobertas quando os exploradores europeus chegaram às Caraíbas, mais precisamente à Pequenas Antilhas e registaram que homens e mulheres *falavam diferentes línguas* (Trudgill 1974: 65). Também em Gros Ventre, uma língua indiana falada na América do Norte, a realização das oclusivas varia de acordo com a idade e o sexo do falante⁵.

As diferenças entre falantes do sexo feminino e masculino começam a ser notadas na infância ainda antes do desenvolvimento físico diferenciado do trato vocal⁶. Para além das diferenças fisiológicas que influenciam a produção verbal, segundo Foulkes e Docherty (2006), “To some extent, then, girls and boys *learn* to use distinct patterns of phonetic realization.” (*ibid.*, pp. 411-412), tendo o mesmo sido verificado em Watt *et al.* (2003). As diferenças entre as produções linguísticas de falantes masculinos e femininos abrangem, também, a escolha lexical⁷, e são mais visíveis quando o estudo é feito tendo em consideração a variável *estratificação social*, apesar de Milroy e Milroy (1997: 56) considerarem que a variável sexo é mais importante que a condição social.

Em 1990, William Labov enumera três princípios, elaborados a partir dos estudos variacionistas anteriores, que serão basilares na abordagem da variável sexo e a sua influência da variação linguística. Segundo Labov (1990: 210-215), as formas não *standard* são mais utilizadas pelos falantes masculinos. Pelo contrário, espera-se que as mulheres usem mais formas *de prestígio* do que os homens quando a mudança é iniciada pelas classes sociais dominantes. Também quando se assiste um fenómeno de mudança provocado pelo estatuto social, identidade local ou de grupo, as mulheres tendem a ser mais inovadoras. A este propósito, veja-se a adopção de formas mais próximas da variedade *standard* na realização de *-ing* em Detroit (Trudgill 1974:70)⁸. Também para Cheshire (2002:427), o comportamento linguístico e as variantes linguísticas utilizadas variam conforme o sexo do falante e a sua atitude perante a comunidade em que se insere.

Apesar da importância da variável sexo na variação linguística, não temos conhecimento da existência de estudos para o Português Europeu que apontem esta variável como a mais importante em processos de variação.

⁴ A utilização dos termos sexo ou género tem sido objecto de discussão, por razões biológicas sociais, culturais ou formais, que não abordaremos aqui. Veja-se a este propósito Chambers (1995), Cheshire (2002) Foulkes e Docherty (2006), entre outros. No presente trabalho, optámos pela designação *sexo*.

⁵ Por exemplo, para o referente *pão*, as mulheres pronunciariam /kjatsa/e os homens /djatsa/.

⁶ Como refere Foulkes (2006), “Children are not differentiated by the obvious variation in anatomy and physiology that adults are, and yet it seems that gender-correlated patterns of phonological variation are learned relatively early in childhood.”

⁷ Segundo Holmes (1995), as mulheres utilizam mais vezes formas afectivas e de cooperação na comunicação, como *you know* ou *sort of*. Também Lakoff (1973) refere que as mulheres utilizam mais itens lexicais para definir cores, como *magenta*, *lavanda* ou *azul-marinho*, e adjectivos como *querido*, *encantador* ou *adorável*, termos raramente utilizados por homens.

⁸ Segundo este estudo, dentro da mesma classe social, as mulheres produzem mais a velar /N/ e os homens a alveolar /v/ em palavras como *running*, ou *coming*.

4.3.4. Idade

A variável *idade* é aquela que, de uma maneira geral, cataloga os indivíduos quanto ao seu papel na sociedade: dependente (<18 anos); activo (18-65 anos) e aposentado (>65 anos). Sabe-se que a idade é um factor importante na aquisição e desenvolvimento linguístico, na adopção de formas inovadoras, no caso dos adolescentes (Eckert 1997); ou mais próximas do *standard*, no caso de adultos activos. Eckert (1997) refere, também, que as mulheres, à medida que envelhecem e deixam de ser profissionalmente activas, tornam-se menos *normativas*.

No nosso estudo optámos por estudar apenas falantes adultos com mais de vinte anos. Estes foram divididos, de acordo com a sua idade, em intervalos de quinze anos, com o objectivo de construir um estudo linguístico em *tempo aparente* (Labov 1972 [1991]), i.e., um estudo linguístico através de diferentes gerações, de forma a prever o comportamento diacrónico de um dado fenómeno. Assim, contemplámos os seguintes intervalos etários: [20-35], [36-50], [51-65], e [>65].

4.4. Tratamento Estatístico

O cruzamento das variáveis consideradas na análise dos processos fonológicos já descritos foi feito através do programa Goldvarb 2001⁹. Para que os dados pudessem ser processados pelo programa foi necessário codificar cada variável independente (factores linguísticos e sociais) considerada para cada variável dependente (processo a analisar). Para além da contagem das combinações em valores absolutos, este programa fornece os valores relativos para cada combinação de variáveis. É, também, possível fazer o cruzamento de informação de duas variáveis, alargando as possibilidades de análise de um dado fenómeno.

Para averiguar se as variáveis estão ou não relacionadas, utilizámos o teste do Qui-Quadrado baseado na Tabela de Contingência. Este teste permite aferir a independência entre duas variáveis, ou seja, verificar se as duas variáveis estão ou não relacionadas (Guimarães e Cabral 1997: 414-416). Quando o valor de prova, doravante v.p., for inferior a 5% (<0,05) podemos afirmar que as variáveis não são independentes. Quando o valor de prova for superior a 0,05, as variáveis são independentes.

5. Resultados

Na secção seguinte apresentamos os resultados do cruzamento das variáveis para cada processo fonológico já descrito.

5.1. Manutenção da africada surda [ʔτΣ]

Foram identificadas 68 ocorrências onde a fricativa [Σ] tem realização como [ʔτΣ]. A distribuição por concelho (cf. Gráfico 1) mostra-nos que a africada é produzida mais vezes nos concelhos de Vila Flor (28%), Macedo de Cavaleiros (26%) e Mirandela (24%). Apenas 16 % das ocorrências se registaram em Alfândega e em Carrazeda de Ansiães este fenómeno é residual (apenas 6% das ocorrências são realizadas por falantes de Carrazeda de Ansiães).

Para além da distribuição por concelho, o Gráfico 1 mostra-nos que a escolaridade (N- não alfabetizados; A- Alfabetizados) dos informantes não é determinante para a produção da africada: apenas 55% das ocorrências foram produzidas por falantes não

⁹ O Programa Goldvarb2001 - A Multivariate Analysis Application for Windows. (2001, John Robinson, Helen Lawrence & Sali Tagliamonte) está disponível em <http://www.york.ac.uk/depts/lang/webstuff/goldvarb/> (17 Agosto 2006).

Manual de instruções disponível em <http://courses.essex.ac.uk/lg654/GoldVarb2001forPCmanual.htm> (17 Agosto 2006).

alfabetizados. Finalmente, uma leitura cruzada dos dados relativos ao concelho de origem dos informantes com a escolaridade (cf. Gráfico 1) revela que em Alfândega e Macedo a africada é mais realizada por falantes alfabetizados, enquanto que nos concelhos de Mirandela e Vila Flor, a percentagem de realização de [ʃ̺] é superior nos falantes não alfabetizados. Em Carrazeda, a percentagem de ocorrência da africada por escolaridade do falante é a mesma (50%) (v.p. 0,015).

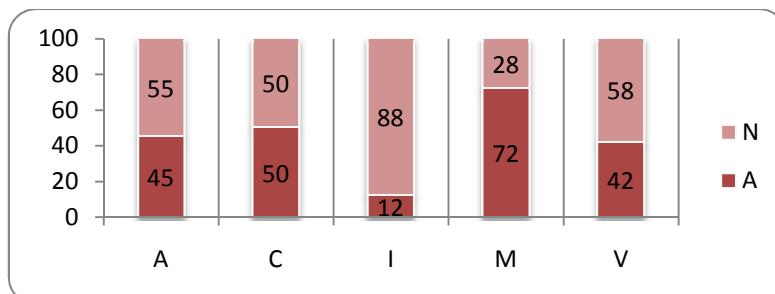


Gráfico 1 – Realização da africada surda por falantes não alfabetizados (N) e alfabetizados (A), em função do concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda; (I) Mirandela; (M) Macedo e (V) Vila Flor.

A distribuição por idade revela, no entanto, que 94% das ocorrências são produzidas por falantes com mais de 65 anos (cf. Gráfico 2), o que poderá indicar que a realização da africada desaparecerá em poucas décadas. No entanto, e tal como verificado em Santos (2003:180), a africada ainda é realizada por falantes jovens escolarizados, como acontece com um falante de Vila Flor com menos de 35 anos e com o 12º ano de escolaridade: *é tcheia de mania*.

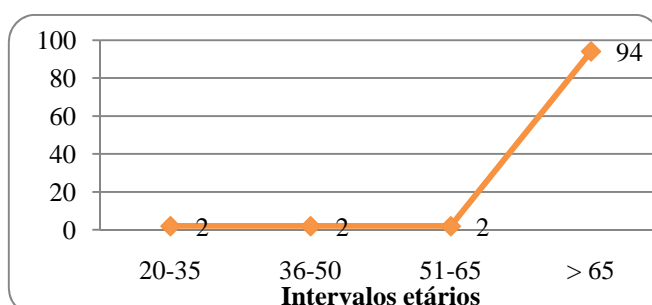


Gráfico 2 – Percentagem de realização da africada surda por intervalos etários

A análise da variável sexo (cf. Gráfico 3) revela que este factor não influencia de forma significativa a produção da africada, apesar de em 57% das ocorrências terem sido observadas em falantes masculinos, valor é superior ao descrito em Santos (2003:179) para Vila Pouca do Campo (Coimbra), onde as mulheres representam 55% dos falantes que realizam a africada surda.

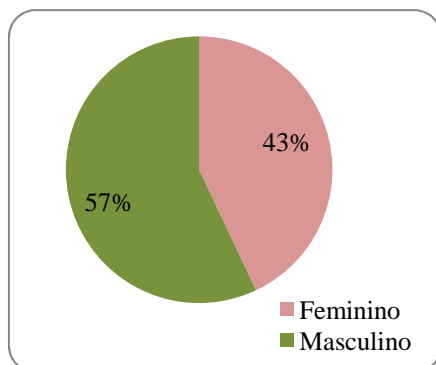


Gráfico 3 - Realização da africada surda por sexo do falante

Para além das variáveis externas consideradas, a componente lexical é um factor preponderante para explicar a cristalização da africada surda em determinadas zonas geográficas. De mencionar que a análise das formas lexicais onde a africada ocorre revela que 88% dos dados recolhidos no nosso *corpus* podem ser agrupados em apenas três grupos de frequência: (i) formas verbais dos verbos *chamar*, *chegar* e *chorar*; (ii) formas derivadas do adjectivo *pequeno/a*; (iii) formas lexicais regionais, como *chícharos* (feijão frade). Verifica-se, também, que a realização da africada ocorre em itens lexicais provenientes do castelhano, como *chorro*, *rancho* e *rachar*. De referir, ainda, que as formas derivadas do adjectivo *pequeno*, as formas regionais e as formas do verbo *rachar* nunca são realizadas, no nosso *corpus*, com a fricativa [ʒ], o que poderá indicar que nestas palavras a realização da africada está cristalizada.

5.2. Semivocalização da lateral

No nosso *corpus*, a semivocalização da lateral ocorre apenas em pronomes ou determinantes masculinos plurais, contraídos ou não com preposições (cf. Tabela 1). Veja-se que na forma *naqueles*, para além da semivocalização, verificamos a epêntese de uma fricativa final na primeira sílaba, i.e., *nasqueis*. De realçar que as realizações *deis* e *nasqueis* ocorrem apenas uma vez, em *mas depois os filhos não têm bida pra me atender pra me aturar (...) tratam da bida deis*, e *naquele ano nasqueis anos que eu andei na escola*, respectivamente.

Semivocalização da lateral	
<i>eis</i>	<i>aqueis</i>
eis é assim	aqueis danços
eis faziam-me assim	pronto aqueis passaram
e eis diziam-me assim	aqueis medeiros de palha
pois eis não tinham estudado	
e eis não tinham	
eis pagabam pouco	<i>deis</i>
bater a eis	tratam da bida deis
e eu para eis	
mas eis eram (2)	
com eis (4)	<i>nasqueis</i>
e eis estão todos muito bem	nasqueis anos
porque eis morreram (2)	
bem se bê o que eis são	

Tabela 1 - Realização da lateral como semi-vogal por item lexical.

A semivocalização da lateral da lateral em formas pronominais e em determinantes tinha sido já registada por Vasconcellos (1890-1892: 102) como uma marca do *dialecto transmontano*, mais propriamente da freguesia de Matela (Vimioso) e Parada de Infanções (Bragança). Mais tarde, na obra póstuma *Opúsculos* (1985), este fenómeno surge descrito para a na freguesia de Tralhariz (Carrazeda de Ansiães), Torre de Dona Chama (Mirandela) e Salselas (Macedo de Cavaleiros). Em relação a Salselas, refere Vasconcellos (*ibid.*, p. 168): “o plural do pronome *el* é *eis* e de *aquel asqueis*”. Vasconcellos não descreve este fenómeno apenas para estes concelhos da Terra Quente, sendo também mencionado na descrição morfológica feita para Bragança, Vinhais, Valpaços, Vimioso e Mogadouro.

A distribuição por concelho (cf. Gráfico 4) revela que este fenómeno está mais difundido nos concelhos de Mirandela (61%) e Carrazeda (18%). Nos concelhos de Macedo de Cavaleiros e Vila Flor, a percentagem de ocorrência da semivocalização da lateral é de apenas 4%.

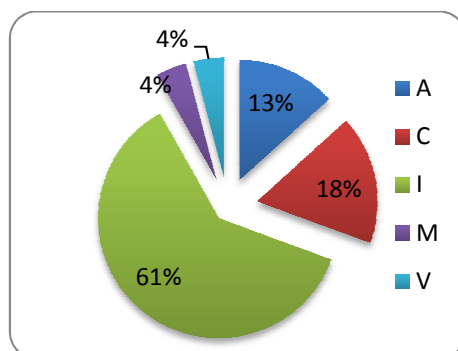


Gráfico 4 – Semivocalização da lateral - Distribuição por concelho.
(A) Alfândega (13%); C (Carrazeda) (18%), I (Mirandela) (61%), M (Macedo de Cavaleiros) (4%) e (V) Vila Flor (4%).

Sabendo que a semivocalização da lateral em determinantes e pronomes era um fenómeno visível no Galego-Português, posteriormente normalizado na escrita e na oralidade, provavelmente por influência da escolarização, seria de esperar que a semivocalização ocorresse maioritariamente em falantes não alfabetizados, tendo estes mais de 65 anos. Como previsto, 60 % das ocorrências foram observadas em falantes não alfabetizados e 40 % em falantes alfabetizados.

O cruzamento sexo / escolaridade (cf. Gráfico 5) mostra que o fenómeno ocorre mais vezes nos falantes não alfabetizados do sexo masculino. Dentro dos falantes alfabetizados, o fenómeno é mais visível no grupo dos falantes do sexo feminino (v.p. 0,02).

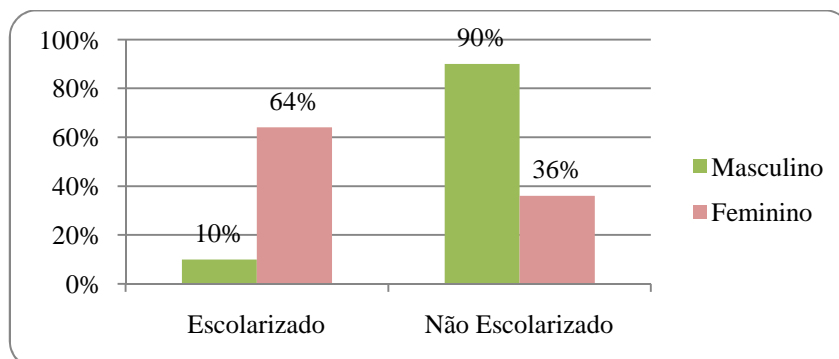


Gráfico 5 – Semivocalização da lateral - Cruzamento Escolaridade / Sexo do falante

O Gráfico 6 apresenta o cruzamento da distribuição por concelho com a distribuição por género. Apesar de, percentualmente, este fenómeno ser mais realizado por falantes do sexo masculino (52%), a distribuição por concelho mostra que a semivocalização da lateral é feita pelos falantes masculinos das cidades (Mirandela e Macedo). No caso dos falantes do sexo feminino, a sua distribuição é mais vasta, abrangendo todos os concelhos, à excepção de Macedo de Cavaleiros (v.p. 0,01).

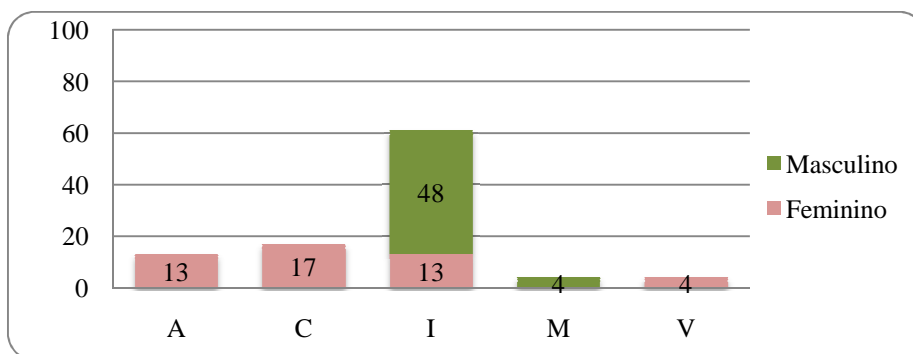


Gráfico 6 – Semivocalização da lateral - Cruzamento Concelho (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor / Sexo do falante

Se observarmos a distribuição por idade (cf. Gráfico 7) verificamos que a semivocalização da lateral ocorre apenas em falantes com mais de 65 anos e em falantes entre os 36 e os 50 anos. O Gráfico 7 mostra ainda que nos falantes com idades compreendidas entre os 36 e os 50 anos as formas *eis*, *nasqueis* e *asqueis* têm a mesma percentagem de ocorrência (33%), enquanto que nos falantes com mais de 65 anos a realização de *eis* representa 85% do total de ocorrências (v.p. 0,03).

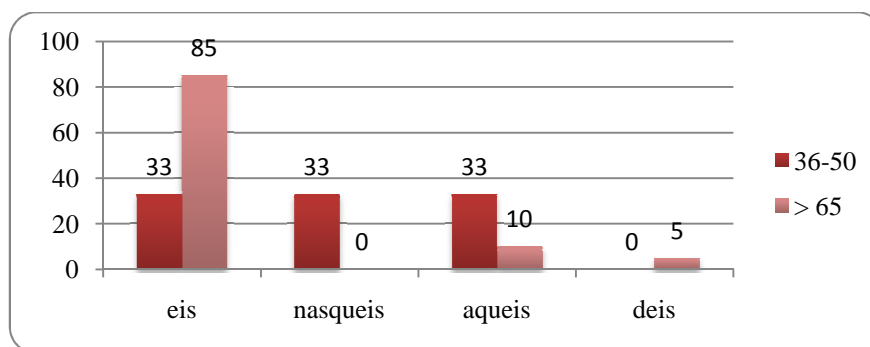


Gráfico 7 – Semivocalização da lateral - Distribuição das formas semivocalizadas (*eis*, *nasqueis*, *aqueis* e *deis*) por idade ([36-50] e [>65])

Finalmente, o cruzamento idade / concelho (cf. Gráfico 8) mostra que são os falantes com mais de 65 anos de Mirandela que mais vezes realizam estas formas (61%). A semivocalização da lateral só ocorre nos falantes com idades entre os 36 e os 50 anos provenientes de Macedo e Alfândega (9% e 4%, respectivamente).

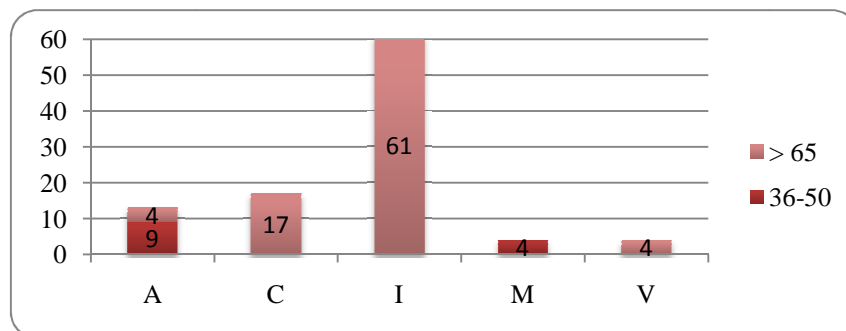


Gráfico 8 – Semivocalização da lateral - Cruzamento Idade / Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

5.3. Centralização das vogais anteriores [-rec, -altas]

Centremo-nos agora nos dados relativos à centralização das vogais anteriores [-altas]. De todos os concelhos contemplados neste estudo, apenas em Carrazeda de Ansiães se detectam diferenças significativas na realização das vogais [-rec, -alt], orais e nasais, relativamente à variedade *standard*. Na verdade, a centralização das vogais [-rec, -alt] é uma característica identificativa dos falantes Carrazedenses dentro da área da Terra Quente.

A análise dos dados pela variável sexo (cf. Gráfico 9) revela que o fenómeno de centralização da vogal anterior [-rec, -alt] é ligeiramente superior nos falantes do sexo masculino (52%), apesar de este valor não ser estatisticamente significativo.

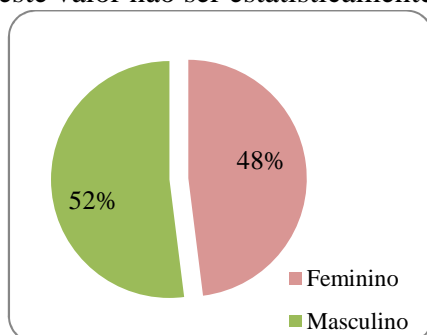


Gráfico 9 - Centralização das vogais anteriores [-rec, -altas] Distribuição por sexo

O cruzamento das variáveis sexo e escolaridade (cf. Gráfico 10) mostra que, ao contrário do verificado para a realização da africada e para a semivocalização da lateral, fenómenos produzidos maioritariamente por falantes não alfabetizados, a centralização da vogal [e] ou [ɨ] ocorre em 96% das ocorrências em falantes alfabetizados. Dentro deste grupo, o comportamento dos falantes masculinos e femininos é semelhante.

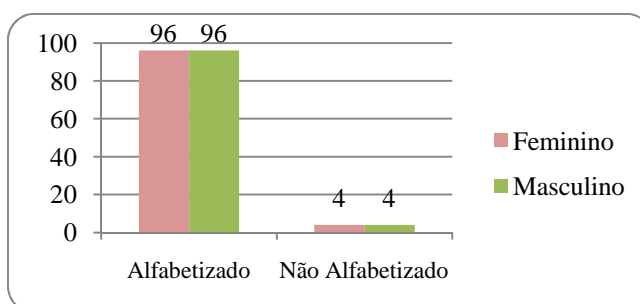


Gráfico 10 - Centralização das vogais anteriores [-rec, -altas] Distribuição por sexo/escolaridade

O Gráfico 11 apresenta uma distribuição díspar deste fenómeno por idade e sexo do falante (v.p. 0,02). Nos falantes masculinos, os valores para as diferentes faixas etárias são muito próximos, sendo os falantes entre os 36 e os 50 os que mais vezes realizam a centralização. Nos falantes do sexo feminino, ocorre o oposto: a ocorrência do fenómeno aumenta ao longo das faixas etárias.

Verifica-se, também, que a centralização nunca ocorre nos falantes com menos de 35 anos.

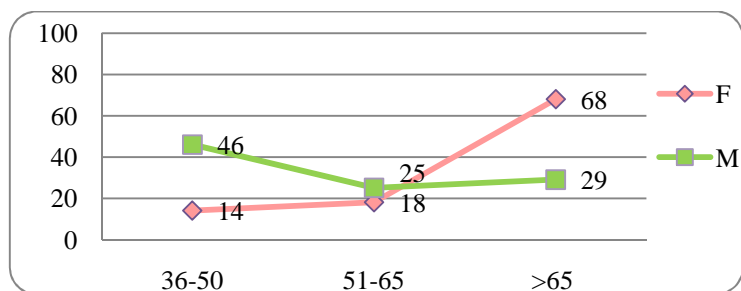


Gráfico 11 – Centralização de [e] – Distribuição por Idade e Sexo do falante.

5.4. A especificação de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico] como [z].

Nesta secção analisamos a distribuição do fenómeno pós-lexical da ressilabificação de /S/ em contexto final de palavra seguido de vogal. Não foram consideradas as consoantes fricativas em posição inicial ou interna de sílaba, à semelhança da metodologia adoptada por Rodrigues (2003), uma vez que, como a própria indica (*ibid.*, p. 233), “os dados indicam que nesse caso não existe variação que o justifique”. Para esta análise foram apenas considerados os contextos em que a fricativa final é imediatamente seguida de segmento [-consonântico]. Para esta selecção guiámo-nos apenas pelas características fonético-fonológicas do segmento, não sendo importante a forma como esta se representa na grafia. Foram excluídos os contextos em que a fricativa é seguida de pausa ou de vogal elidida. Assim, não considerámos sequências como *pròs espargos*, uma vez que, na variedade em estudo, em sequências do tipo /S#[vogal]s/ a vogal não é realizada.

Da análise das 1773 ocorrências em contexto /S#[- cons]/, constatou-se que 56 falantes realizam sempre /S/ como [Z] em final de palavra seguido de [-consonântico], enquanto que 44 falantes realizam /S/ de forma variável no contexto mencionado. Assim, em 94% destas ocorrências, /S/ especifica-se como [Z]; 3% como [z] e 3% como [Σ]. Neste trabalho reportar-nos-emos principalmente à realização do arquifonema fricativo em contexto /S#[- cons]/ como [z]. Para mais dados relativos à realização de /S/ como [Σ] ou [Z] e à sua distribuição pelas variáveis externas em análise, ver Aguiar (2009).

O Gráfico 12 apresenta o cruzamento das variáveis Concelho e Sexo dos informantes. Vemos que há uma predominância deste fenómeno nos falantes do sexo masculino na realização de [z], nomeadamente dos provenientes de Macedo e Mirandela. Em Vila Flor, a realização desta fricativa é apenas visível nos falantes masculinos, ao contrário do observado em Alfândega, onde esta fricativa é apenas realizada por mulheres

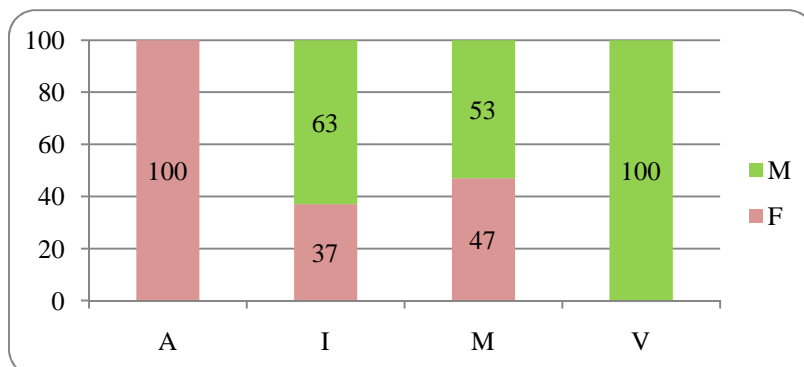


Gráfico 12 – [z] - Cruzamento Sexo: (M) Masculino, (F) Feminino/ Concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

O

Gráfico 13, relativo à distribuição do arquifonema fricativo como [z] por faixas etárias mostra que é no intervalo entre os 36 e os 50 anos que mais vezes se realiza a fricativa [ç] (v.p. 0,008). É precisamente neste intervalo etário que esta fricativa se realiza em Vila Flor e em Alfândega, não tendo sido registada a sua realização em mais nenhuma faixa etária nestes dois concelhos, o que demonstra que esta inovação (a realização de [ç] no contexto final de palavra seguido de [-cons]), nestes concelhos, entra no sistema nesta faixa etária. Verifica-se, igualmente, um aumento na realização de /S/ como [ç] na faixa etária dos 36 aos 50 anos em todos os concelhos. Veja-se, também, que as curvas de tendência para Vila Flor, Alfândega e Mirandela, apresentadas no

Gráfico 13, são semelhantes na faixa etária [36-50], apesar de apresentarem diferentes amplitudes. No entanto, não podemos generalizar a ideia que a realização de [z] nesta faixa etária levará a uma mudança, uma vez que os valores são muito baixos quando comparados com a realização de [Z]. Para além deste aspecto, a realização de [z] não ocorre nos falantes com menos de 35 anos, à excepção dos de Mirandela. Podemos, porém, afirmar que a introdução da realização de [z] em contexto de sândi externo poderá ocorrer por pressões sociais, sendo estas mais visíveis nos falantes profissionalmente mais activos, que adoptam formas mais próximas da variedade dominante.

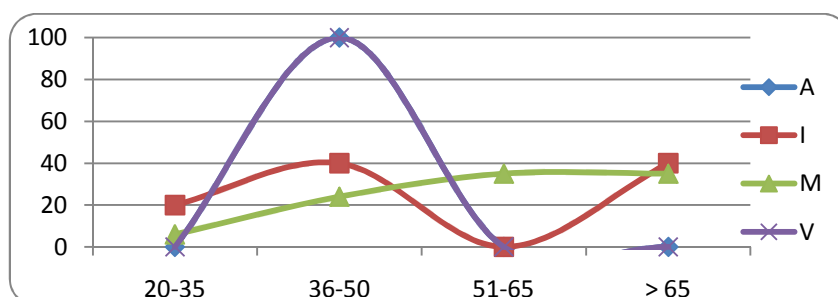


Gráfico 13 – Realização da fricativa [z] por concelho: (A) Alfândega; (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

O Gráfico 14, relativo à distribuição da realização de /S/ como [z] em final de palavra seguido de segmento [-consonântico], mostra uma maior realização de [z] pelos falantes do sexo masculino, à excepção dos falantes com mais de 65 anos. Neste grupo, a especificação do arquifonema /S/ é mais evidente nos falantes do sexo feminino.

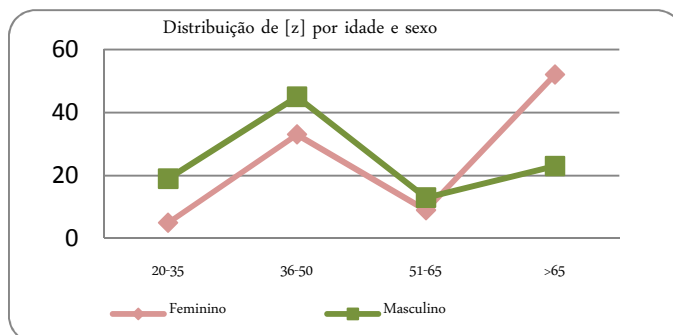


Gráfico 14- [z] - Distribuição por Sexo/ Idade

Não foram encontradas diferenças significativas na distribuição deste fenómeno em falantes alfabetizados *versus* não alfabetizados.

5.5. Sândi externo envolvendo a realização da nasal

Como vimos anteriormente, o sândi nasal é um processo fonético-sintáctico, comum no Galego-Português e no Leonês, que ocorre preferencialmente em artigos e pronomes antecidos de item lexical terminado em nasal, como nos seguintes exemplos retirados no nosso *corpus*: *assim que biam na gente, depois bieram nos filhos, temos grande gosto em no serbir ou lá fizeram na bidinha deles*.

O Gráfico 15 mostra a distribuição percentual do fenómeno de sândi externo envolvendo a realização de nasal por concelho. Assim, 51% das ocorrências foram registadas em Alfândega, 18% em Vila Flor, 17% em Mirandela e 12% em Macedo. O valor mais baixo (2%) verifica-se em Carrazeda, o único concelho que não tem fronteira geográfica com o concelho de Alfândega.

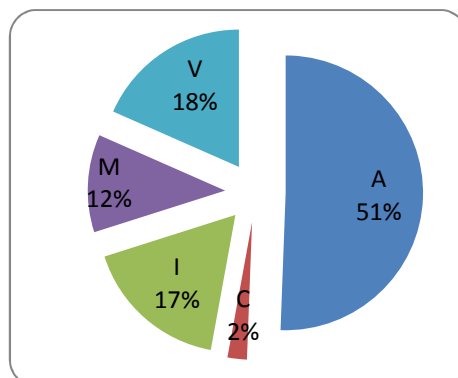


Gráfico 15 - Sândi nasal - Distribuição por Concelho.

(A) Alfândega (51%); C (Carrazeda) (2%), I (Mirandela) (17%), M (Macedo de Cavaleiros) (12%) e (V) Vila Flor (18%).

Se observarmos o Gráfico 16, relativo ao cruzamento das variáveis escolaridade e concelho de origem, verificamos que este fenómeno, ao contrário do observado na manutenção da africada e na semivocalização da lateral, está mais difundido nos falantes alfabetizados (68%). Veja-se, no entanto, que em Macedo e Mirandela a percentagem de sândi envolvendo a prótese da consoante nasal é superior nos falantes não alfabetizados, enquanto que nas vilas este fenómeno é mais visível nos falantes alfabetizados.

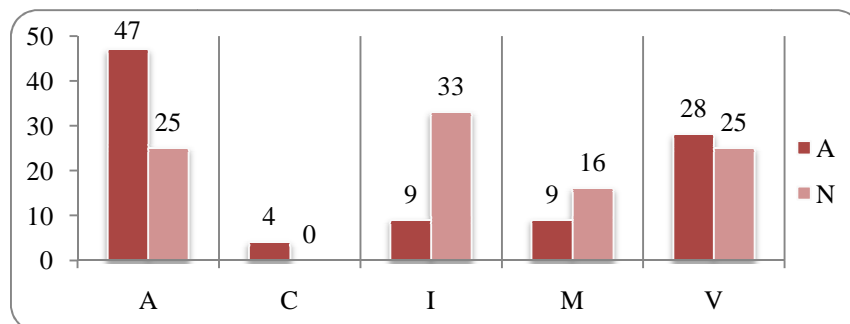


Gráfico 16 – Sândi Externo envolvendo a nasal por Escolaridade - (A) Alfabetizado; (N) Não alfabetizado e Concelho: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Se correlacionarmos o sexo com a idade do falante por concelho (cf. Gráfico 17), percebemos que este fenómeno só ocorre nos falantes com menos de 65 anos no concelho de Alfândega. Nos restantes concelhos, é no sexo masculino que este fenómeno é mais visível. Curiosamente, o comportamento dos falantes de Alfândega é o oposto do verificado para os restantes concelhos da TQT.

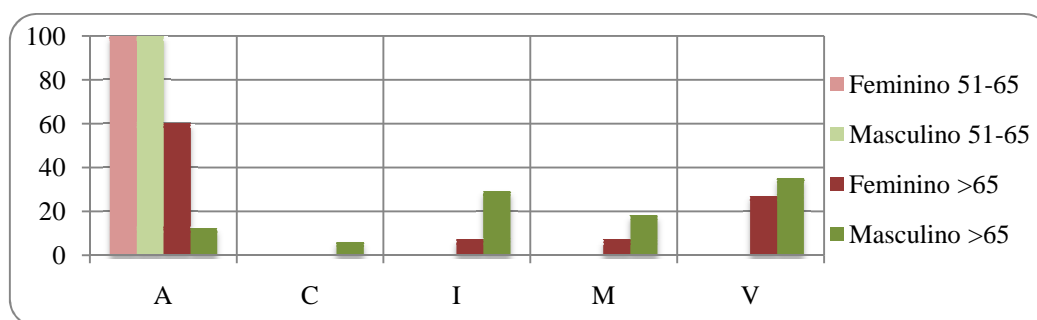


Gráfico 17- Cruzamento Sexo/Idade por concelho do falante: (A) Alfândega; (C) Carrazeda, (I) Mirandela, (M) Macedo de Cavaleiros e (V) Vila Flor.

Como mostra o Gráfico 18, no total dos falantes da TQT, há uma clara tendência para o desaparecimento deste fenómeno. Veja-se que tanto nos falantes masculinos, como femininos, há uma diminuição clara na ocorrência deste fenómeno se compararmos os valores para a faixa etária [>65] (entre 83% e 85%) com os valores para os falantes entre os 51 e os 65 anos (entre 15% e 17%).

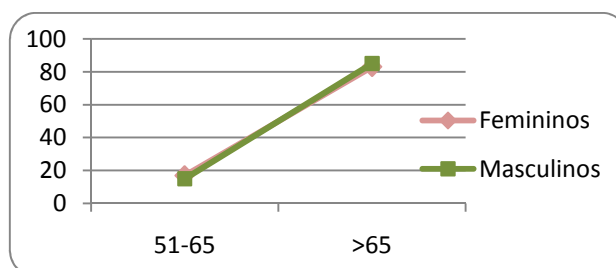


Gráfico 18 - Sândi externo envolvendo a nasal na TQT, de acordo com a idade e sexo do falante.

6. Discussão

Um pouco por toda a parte se assiste a uma aproximação de variedades regionais à variedade dita *standard*. Veja-se o trabalho de Kochetov (2006) sobre o processo de perda de arredondamento da vogal /o/ em posição não acentuada e da mudança da fricativa [X] para [Σ] numa comunidade no norte da Rússia. Segundo este autor, esta aproximação à variedade normativa é motivada por factores sociais e linguísticos. No

caso dos fenómenos aqui analisados, verifica-se que a manutenção de formas arcaicas, como a semivocalização da lateral em pronomes e determinantes, a manutenção da africada ou o sândi envolvendo a realização da nasal, é mais consistente em falantes com mais de 65 anos. Verifica-se, também, que a aproximação à norma na realização da fricativa final seguida de [-consonântico] é feita pelos falantes entre os 36-50 anos, o que pode ser indicador da pressão social para adopção de formas normativas em falantes profissionalmente mais activos. De facto, é nos falantes que se encontram neste intervalo etário que as inovações, provocadas pela pressão do mercado de trabalho e pela importância dada à linguagem como um bem simbólico (Bourdieu, 2004), parecem ser introduzidas. Falamos de inovação uma vez que, nesta área geográfica, a especificação de /S/ em contexto final de palavra seguido de segmento [-consonântico] como [z] é tão marginal quanto a realização de [Z] na variedade centro-meridional e em muitas zonas geográficas setentrionais. Como referíamos, é entre os 36 e os 50 anos que é visível a tendência para uma aproximação linguística da variedade centro-meridional, evitando a ressilabificação do arquifonema como [Z]. Pelo contrário, na faixa etária seguinte (51-65 anos) não há registos da ocorrência desta fricativa no concelho de Mirandela, apesar de se ter registado a realização de [z] em falantes com mais de 65 anos do mesmo concelho. Esta oscilação na realização da fricativa em final de sílaba seguida de vogal, neste concelho, tinha já sido constatada por Vasconcellos (1985:163): “Ao -z gráfico final corresponde a pronúncia Σ (quase φ) em *doiΣ óbos*, *doiΣ lobos*; e z em *treζ óbos*”. Esta observação com mais de um século indica-nos que, por um lado, os fenómenos fonológicos operam de forma lenta, e que, por outro lado, esta tendência *urbana* própria das cidades mais afastadas da dita *norma* não é recente. Também Rodrigues (2003: 38), no estudo de variação fonológica realizado nas cidades de Lisboa e Braga, regista a tendência, por parte de falantes urbanos escolarizados, de realização de formas mais próximas de uma variedade “de prestígio”. Rodrigues (2003: 39) menciona, ainda, que:

[N]os grupos de falantes de Braga menos escolarizados nota-se a tendência inversa: os falantes não querem ser identificados como «provincianos», em situações de convívio com os do sul e, por isso, tentam adoptar as variantes da variedade padrão (o que justifica os casos de hipercorreção, particularmente no que à representação da fricativa labiodental vozeada diz respeito) e evitam usar qualquer marca linguística estereotipada.

Em relação à semivocalização da lateral, a não existência de dados em falantes com idades entre os 51 e os 65 anos (cf. Gráfico 4) poderá ser explicada pela necessidade que esta geração teve de se afirmar socialmente e, assim, distanciar-se de formas estigmatizantes como a semivocalização da lateral intervocálica em pronomes e determinantes. Para além disso, esta geração foi marcada pela (e)migração. Já os falantes da geração anterior (com idades entre os 36 e os 50 anos) não tiveram essa pressão social nem a necessidade de se deslocar para os centros urbanos ou emigrar. Por outro lado, era frequente deixar os filhos com os avós quando se emigrava, podendo a transmissão linguística ter sido feita de avós para netos¹⁰.

¹⁰ De acordo com Oliveira (2005), a taxa de emigração em 1965 no distrito de Bragança era de 15,0% , em 1970 desce para 7,9% e em 1975 para 1,3%. Veja-se que na década de 60, os falantes, hoje com 51-65 anos, eram jovens (adultos).

De uma forma geral, apenas o fenómeno pós-lexical de ressilabificação da fricativa como [Z] se mantém relativamente estável em todas as faixas etárias, enquanto que os restantes fenómenos tendem a desaparecer.

Quanto à distribuição por escolaridade, apenas dois processos ocorrem maioritariamente em falantes alfabetizados: a centralização de [e] (95%) e a realização de /S/ como [z] (75%). Este aspecto revela que os restantes fenómenos poderão estar associados à falta de escolaridade ou, por outro lado, serem dissipados pelo facto de os falantes conhecerem a forma escrita (no caso da africada e da semivocalização da lateral) e, por essa razão, evitarem a produção das formas *não-standard*.

Em relação às diferenças verificadas entre falantes femininos e masculinos de Carrazeda de Ansiães, tendo em consideração que as mulheres tendem a liderar processo de mudança quando investidos de prestígio social e ao mesmo tempo a liderar processo de conservação dependendo do seu valor na comunidade (Labov, 1972), talvez estes resultados sejam reflexo da dicotomia prestígio/conservação de formas, mais visíveis nas falantes femininas. Por essa razão, a manutenção do fenómeno de centralização seja mais visível em falantes femininos com mais de 65 anos, preservadoras do património oral e linguístico, e menos visível nas falantes com menos de 50 anos, mais próximas da realização *standard*.

A análise da variável concelho é, também, reveladora de tendências. Em primeiro lugar, a comparação dos valores obtidos para a realização da realização de /S/ em contexto final de palavra seguida de [-consonântico] na Terra Quente com os valores obtidos para Braga e Lisboa, fornecidos em Rodrigues (2003: 233-244) (cf. Tabela 2), permite-nos verificar que a percentagem de realização de [z] na TQT e de [Z] em Lisboa e Braga é semelhante: [z] realiza-se em 2,9% dos casos na TQT, enquanto que [Z] se realiza em 3,5% dos casos em Lisboa e 2 % dos casos em Braga.

	[Z]	[ç]	[Σ]
Rodrigues (2003) - Lisboa	3.5%	75.2%	21.2%
Rodrigues (2003) - Braga	2.0%	75.6%	22.3%
Aguiar (2009) - TQT	94,5%	2,9%	2,5%

Tabela 2 – Valores comparativos para a realização da fricativa em contexto /S#[–consonântico]/

Ainda em relação à variação na realização da fricativa em Braga e Lisboa, não foram encontradas evidências claras de que esta variação fosse motivada por variáveis externas como a idade ou o sexo (Rodrigues, 2003).

Como vimos, os valores para a realização da fricativa em /S#[–consonântico]/ na TQT são claramente distintos dos calculados para Braga e Lisboa, o que distancia esta região da variedade *normativa*, por um lado, e de uma variedade setentrional, por outro. Para além deste aspecto, a realização da fricativa na TQT afasta-se do descrito para outras áreas transmontanas, como o Barroso (Guimarães 2002). Por último, a inexistência de dados para os restantes concelhos transmontanos impede-nos de fazer generalizações quanto à distribuição deste fenómeno em Trás-os-Montes.

Em segundo lugar, dentro da área geográfica da Terra Quente verificou-se que a distribuição dos cinco processos em análise neste trabalho não é uniforme. Assim, os valores obtidos para a distribuição do processo de semivocalização da lateral pela variável concelho (v.p. 0,002) poderão apontar para a importância do contacto linguístico com outras línguas. Veja-se que a distribuição deste fenómeno por idades divide os concelhos em análise em dois (cf. Mapa 2): aqueles onde este fenómeno ocorre nos falantes entre 36 e 50 anos (Alfândega e Macedo) e aqueles onde este fenómeno só se registou nos falantes com mais de 65 anos Carrazeda (Vila Flor e

(necessidade de emigrar e visitas de forasteiros durante o Verão) que ameaçavam a identidade da ilha. Labov constata, também, que na faixa etária inferior a percentagem de centralização cai para metade, o que, segundo Labov, pode ser explicado pela ausência de pressão externa nos falantes com idades compreendidas entre os 14 e os 30 anos.

Finalmente, este trabalho permitiu, também, verificar que os fenómenos fonológicos estigmatizantes, como a realização da africada, a centralização da vogal [e] e a semivocalização da lateral, parecem ser mais perceptíveis e ao mesmo tempo mais controláveis pelos falantes, enquanto que os fenómenos pós-lexicais, porque menos dependentes do léxico, são menos perceptíveis e menos controláveis. A esta dedução junta-se a pressão que a variedade *standard* exerce sobre as variedades regionais. Por essa razão, todos os fenómenos lexicais e o fenómeno de sândi externo com a nasal tendem a desaparecer, ao mesmo tempo que fenómenos marcadamente regionais, cuja ocorrência é quase categórica, como a realização de [Z] começam a coexistir com outras variantes mais próximas da variedade *standard*, neste caso a realização de [z]. No caso da manutenção da semivocalização da lateral em *eis*, *nasqueis*, *deis* e *asqueis*, a ocorrência deste processo poderá estar relacionada com a sua formação morfológica. Já vimos que *eles* provém a afixação do morfema de número a *el*, forma da terceira pessoa do singular no Português Antigo, na qual se inseriu a vogal *e*. Segundo Bybee e Hopper (2001:17), os itens lexicais de alta frequência com construções morfológicas irregulares, porque mais facilmente acessíveis, são mais resistentes a processos de mudança e, ao mesmo tempo, menos afectados pela regularização de paradigmas. Acrescentam ainda que esta resistência à mudança e ao efeito da frequência é-lhes conferida pelo facto de estes itens lexicais estarem armazenados na memória do falante como irregulares. Considerando que: (i) os pronomes e determinantes são itens lexicais de alta frequência; (ii) a afixação do morfema de número a palavras terminadas em *el* implica a semivocalização da lateral; (iii) as formas *eis*, *aqueis*, *deis*, *naqueis*, foram já documentadas como pertencentes a um estágio anterior do PE; conclui-se que, nestes casos e nestes falantes, o paradigma de plural em *ele*, *aquele*, *naquele*, *aquele*, não sofreu o processo de regularização, verificando-se a semivocalização da lateral, como ocorre nos outros itens lexicais terminados em *-el*.

7. Conclusão

A análise dos processos fonológicos (a manutenção da africada surda; a semivocalização da lateral; a centralização das vogais anteriores [-rec, -alt]; a especificação de /S/ como [z] em contexto /S#[-cons]/; o sândi externo envolvendo a realização da nasal) presentes no *corpus* oral recolhido na Terra Quente Transmontana permite concluir que as variáveis externas (concelho, idade e escolaridade) são relevantes na análise dos processos aqui abordados, ao contrário da variável sexo, cuja importância na realização destes fenómenos é discutível.

Para além das variáveis externas, importa mencionar que as variáveis internas, tais como as características fonológicas, morfológicas e lexicais poderão também fornecer pistas sobre os mecanismos linguísticos subjacentes ao processo de mudança e manutenção destas formas (cf. Aguiar, 2008).

Referências

- Aguiar, Joana (2009) *Unidades e Processos Fonológicos na Região da Terra Quente: contributos para a Linguística Forense*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Andrade, Ernesto d' (1994) *Temas de Fonologia*. Lisboa, Colibri.
- Barros, R. (1994) Contributo para a análise Sociolinguística do português de Lisboa: variantes de /e/ e de /E/ em contexto pré-palatal. Dissertação de Mestrado. FL-UL. Lisboa. Não publicado.
- Boléo, Paiva (1974) *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Volume I. Tomo I. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra.
- Boléo, Paiva (1975) *Estudos de Linguística Portuguesa e Românica*. Volume I. Tomo II. Acta Universitatis Conimbricensis. Coimbra.
- Bourdieu, Pierre (2004) *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Britain, David (2005) Space and Spacial Diffusion. In Chambers et al. (2005) *The Handbook of Language Variation and Change*. Blackwell Publishing, pp. 603-637.
- Brito, Ana Maria, Inês Duarte & Gabriela Matos (2003) Tipologia e distribuição das expressões nominais. In Mateus et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª Edição (revista e aumentada). Coleção Universitária. Série Linguística. Lisboa: Caminho, pp.797-983.
- Bybee, Joan & Paul Hopper (eds) (2001) *Frequency and the emergency of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company
- Cardoso, João Nuno P. Corrêa (1999) *Sociolinguística Rural - A Freguesia de Almalaguês*. Estudos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Volume 27. Edições Colibri.
- Castro, Ivo (1991). *Curso de História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Chambers, J.K. (1995) *Sociolinguistics Theory*. Blackwell Publishers.
- Cheshire, Jenny (2002), Sex and gender in variationist research, In Chambers, Trudgill & Schilling-Estes (eds.) (2005), *Handbook of Language Variation and Change*, Oxford: Blackwell, pp. 423-43.
- Cintra, Luís Lindley (1983) *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. 2ª edição (1995), Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora
- Cruz, Maria Luisa Segura da (1991) *O falar de Odeleite*. Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Eckert, Penelope (1997) Age as a Sociolinguistic Variable. In Coulmas, Florian (ed.) *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell, pp. 151-167.
- Foulkes, Paul (2006) Phonological variation – a global perspective. In Aarts & McMahon (eds.) *Handbook of English Linguistics*. Oxford Blackwell, pp. 625-669.
- Foulkes, Paul & Gerard Docherty (2006) The social life of phonetics and phonology. *Journal of Phonetics*, 34, pp. 409-438
- Guimarães, Rui & José Sarsfield Cabral (1997) *Estatística*, Mc Graw-Hill.
- Guimarães, Rui Dias (2002) *O falar do Barroso - o Homem e a Linguagem*. João Azevedo Editor.
- Hinskens, Frans, Roeland van Hout & Leo Wetzels (eds.) (1997) *Variation, Change, and Phonological Theory*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins,
- Holmes, Janet (1995). *Women, Men and Language*. Longman. London.
- Hora, Dermeval da (2006) Vocalização da lateral /l/: correlação entre restrições sociais e estruturais. *SCRIPTA*, Volume 9 (18);, pp. 29-44. Acedido em:

http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20070621143611.pdf (27/11/2007)

- Kochetov, Alexei (2006) The role of social factors in the dynamics of sound change: A case study of a Russian dialect. *Language Variation and Change*, 18, pp. 99-119.
- Labov, William (1966) *The social stratification of English in New York City*. Center for Applied Linguistics. Washington.
- Labov, William (1972) *Sociolinguistic Patterns*. Eleventh edition (1991). University of Pennsylvania Press. Philadelphia.
- Labov, William (1990) The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, 2, pp. 205-254.
- Lakoff, Robin (1973) Language and woman's place. *Language in Society*, 2, pp. 45-80.
- Maclagan, Margaret, Elizabeth Gordon & Gillian Lewis (1999) Women and sound change: Conservative and innovative behavior by the same speakers. *Language Variation and Change*, 11, pp. 19-41
- Maia, Clarinda de Azevedo (1986) *História do Galego-Português: Estado Linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra.
- Martins, Ana Maria & José Saramago (1993) As sibilantes em português: um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. *Actas do XIX Congresso Internacional de Lingüística e Filología*.
- Martins, Cristina (2005) El mirandès front al portugués I el castellà. Elements per a una breu caracterització lingüística I sociolingüística d'una llengua minoritària. In Anuari de l'Agrupación Borriana de Cultura. Revista de Recerca Humanística I Científica, nº 16:, pp. 81-95. Versão portuguesa disponível em http://www.uc.pt/celga/membros/docs/Cristina_M/ANUARI.pdf (Acedido em 30/05/2008).
- Mateus, Maria Helena Mira, Isabel Falé & Maria João Freitas (2005) *Fonética e Fonologia do Português*. Universidade Aberta.
- Mateus, Maria Helena Mira. (1975) *Aspectos da Fonologia Portuguesa*. 2ª edição (1982). Instituto Nacional de Investigação Científica. Lisboa.
- Mateus, Maria Helena; Andrade, Ernesto d' (2000) *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press
- Milroy & Milroy (1997) Varieties and Variation. In Coulmas, Florian (ed.) (1997) *The handbook of sociolinguistics*. Blackwell. pp. 47-64.
- Milroy, Lesley (1999) Women as innovators and norm-creators: The sociolinguistics of dialect leveling in a northern English city. In Wertheim, Suzanne *et al.* (eds) *Engendering Communication. Proceedings of the 5th Berkeley Women and Language Conference*, pp.361-376.
- Oliveira, Isabel Tiago (2005) Indicadores Demográficos nas Regiões Portuguesas entre 1890 e 1981. Notas e Documentos nº141. Revista de Estudos Demográficos, nº 38.
- Oliveira, Marco A. (1983) *Variation and Change in Brazilian Portuguese: The case of the liquids*. PhD Thesis, University of Pennsylvania.
- Piel, Joseph (1932) Da vocalização do "l" em português. *Biblos*. Volume VIII. Faculdade de Letras Universidade de Coimbra.
- Pinto, Adelina Angélica (1980/1981) A africada ɲ em português: estudo sincrónico e diacrónico. *Boletim de Filologia*. In XXVI 1980/1981. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa ; Instituto Nacional de Investigação Científica, pp.: 139-192.
- Prista, Luís (1994) Tentativa de cenário para $\text{t\check{s}} > \text{š}$. In *Variação linguística no espaço, no tempo e na sociedade*, Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística/Colibri, pp. 183-226.

- Rodrigues, Maria Celeste Matias (2003) *Lisboa e Braga : Fonologia e Variação*. Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas. Fundação Calouste Gulbenkian - Fundação para a Ciência e a Tecnologia - Ministério da Ciência e do Ensino Superior.
- Santos, Isabel Almeida (2003) *Variação Linguística em Espaço Rural - A vogal [ü] numa comunidade do Baixo Mondego*. Imprensa Nacional - Casa da Moeda. Lisboa.
- Teyssier, Paul (1990) *História da Língua Portuguesa*. Livraria Sá da Costa Editora. Lisboa.
- Trudgill, Peter (1972) Sex, covert prestige and linguistic change in the urban British English of Norwich. *Language in Society*, 1, pp. 179-195.
- Trudgill, Peter (1974) *The Social Differentiation of English in Norwich*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Trudgill, Peter (1983) *On dialect: social and geographical perspectives*. Oxford, Blackwell.
- Vasconcellos, Leite de (1890-1892) *Revista Lusitana*. Volume II. Fascículo II. Livraria Portuense. Porto.
- Vasconcellos, Leite de (1901a) *Estudos de Philologia Mirandesa*. Volume II. 2ª edição comemorativa do cinquentenário da morte do autor (1993), Miranda do Douro: Edição Câmara Municipal de Miranda do Douro.
- Vasconcellos, Leite de (1901b) *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*. 2ª edição por Maria Adelaide Valle Cintra (1970). Instituto Nacional de Investigação Científica - Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Vasconcellos, Leite de (1985) *Opúsculos*. Organizado por Maria Adelaide Valle Cintra - Nota introdutória de Orlando Ribeiro. Volume VI – Dialectologia. Parte II. Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Vigário, Marina (1999) Pronominal cliticization in European Portuguese: a postlexical operation. *Catalan Working Papers in Linguistics*, pp. 219-237.
- Vigário, Marina (2003) *The Prosodic Word in European Portuguese*. Berlin – New York: Mouton de Gruyter.
- Watt, Docherty & Foulkes (2003) First accent acquisition: a study of phonetic variation in child-directed speech. *Proceedings of the XVth International Congress of Phonetic Sciences*. Universitat Autònoma de Barcelona. pp. 1959-1962.